

A FESTA E SUAS MANIFESTAÇÕES: AS MANIFESTAÇÕES DO SAGRADO E O PROFANO NA FESTA DA FAZENDA COCAL

Gilmar José Ribeiro

Mestrando em Geografia, UFU

gilmarjrib@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma reflexão a cerca das manifestações do Sagrado e o profano na festa da fazenda Cocal localizada em Mutum, no município de Estrela do Sul. A Festa de Reis realizada na Fazenda Cocal é uma maiores manifestações culturais e religiosas que acontece na região. O sagrado e o profano, na Região de Mutum, são realmente dois momentos diferentes, uma vez que durante a Festa de Reis é claramente perceptível a sacralidade que toma conta do ambiente, envolvendo as pessoas, por meio dos objetos e dos rituais que fazem parte da festa. Tal sacralidade caracteriza as relações religiosas que ocorrem no âmbito das festividades; os sentimentos de religiosidade, fé e devoção afloram nesse momento, a aura divina, manifestada através da Festa de Reis. A continuidade da festa na região atualmente é sustentada pela iniciativa e devoção de fies como o Sr. Amâncio e sua família que tradicionalmente assumiram a festa e tem como objetivo que a mesma passe de geração para geração.

Palavras-chave: Fazenda Cocal; Folia de Reis; Sacrado; Profano

THE PARTY AND ITS MANIFESTATIONS: THE MANIFESTATIONS SACRED AND PROFANE IN THE COCAL FARM PARTY

ABSTRACT

This work has as objective to realize a reflection about the sacred and the profane manifestations in the party of the Cocal farm located in Mutum, at the Estrela do Sul District. The Festa do Reis ("Kings Party") – annually realized in the Cocal Farm – is a bigger cultural and religious manifestations that occurring in the region. In the Mutum Region, the sacred and the profane are really two different moments, because during the Festa dos Reis is clearly perceivable the sacral climate in the party scene involving the people through the objects and rituals of the party. Such sacral procedure characterizes the religious relations in the festival scope; the religiosities feelings, faith and devotion arise in that moment, the divine aura is revealed through the Kings Party. Currently, the party continuation in the region is considered by the initiative and devotion of believers as Mr. Amâncio and his families who had traditionally assumed the party and have as objective to prolong this religious and profane tradition generation by generation.

Key-Words: Cocal Farm; Kings Party; Sacred; Profane.

INTRODUÇÃO

Ao escolher este tema, tivemos como objetivo analisar as manifestações do sagrado e o profano na festa de Reis que acontece na fazenda Cocal. A fazenda esta localizada em Mutum no município de Estrela do Sul região do Triângulo Mineiro Estado de Minas Gerais, (conforme Figuras 1 e 2). Para isso, procuramos buscar informações com as pessoas envolvidas com essa festa, principalmente na família que a realiza; procuramos também observar quais as estratégias utilizadas para organizá-la e realizá-la e dessa forma entendermos os processos que envolvem a sua organização.

Recebido em 13/02/2006

Aprovado para publicação em 18/05/2006

A fazenda Cocal está localizada em Mutum, no município de Estrela do Sul que, por sua vez, faz parte da microrregião do Alto Paranaíba, a qual pertence à mesorregião do Triângulo Mineiro. A fazenda ocupa posição Sul em relação à cidade, dela distando 25 Km, e 71 Km da cidade de Uberlândia.

A cidade de Estrela do Sul está situada a 527 Km de Belo Horizonte, fazendo fronteira ao Norte com Cascalho Rico e Grupiara, ao Sul com Indianópolis, Nova Ponte e Romaria; a Leste com Monte Carmelo e a Oeste com Araguari. Possui uma área de 821,1 Km². Seu índice pluviométrico é de aproximadamente 1200mm anuais. O relevo é predominantemente plano e ondulado, tendo uma densidade demográfica de 8,39 hab/Km².

Para melhor entendermos a manifestação do sagrado na Festa de Reis da fazenda Cocal e a revelação do profano, que são dois mundos absolutamente diferentes, é que faremos neste trabalho essa reflexão. Porém, verificando o limite, ou seja, a fronteira que distingue esses dois mundos e como se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado, faremos uma breve viagem pelo sagrado e o profano na visão de Durkheim, Mircéia Eliade e outros autores que discorrem sobre o assunto.

O SAGRADO E O PROFANO NA REGIÃO DE MUTUM

O sagrado e o profano, na Região de Mutum, são realmente dois momentos diferentes, uma vez que durante a Festa de Reis é claramente perceptível a sacralidade que toma conta do ambiente, envolvendo as pessoas, por meio dos objetos e dos rituais que fazem parte da festa. Tal sacralidade caracteriza as relações religiosas que ocorrem no âmbito das festividades; os sentimentos de religiosidade, fé e devoção afloram nesse momento, a aura divina, manifestada através da Festa de Reis, parece tomar conta dos crentes, que se sentem mais próximos e mais ligados uns com os outros por intermédio da festa.

Por outro lado, quando a festa acaba e todos retomam sua rotina, o ambiente volta a se impregnar de práticas profanas, que passam a se manifestar diariamente através das relações econômicas e sociais estabelecidas nesse ambiente que, antes, era absolutamente sagrado.

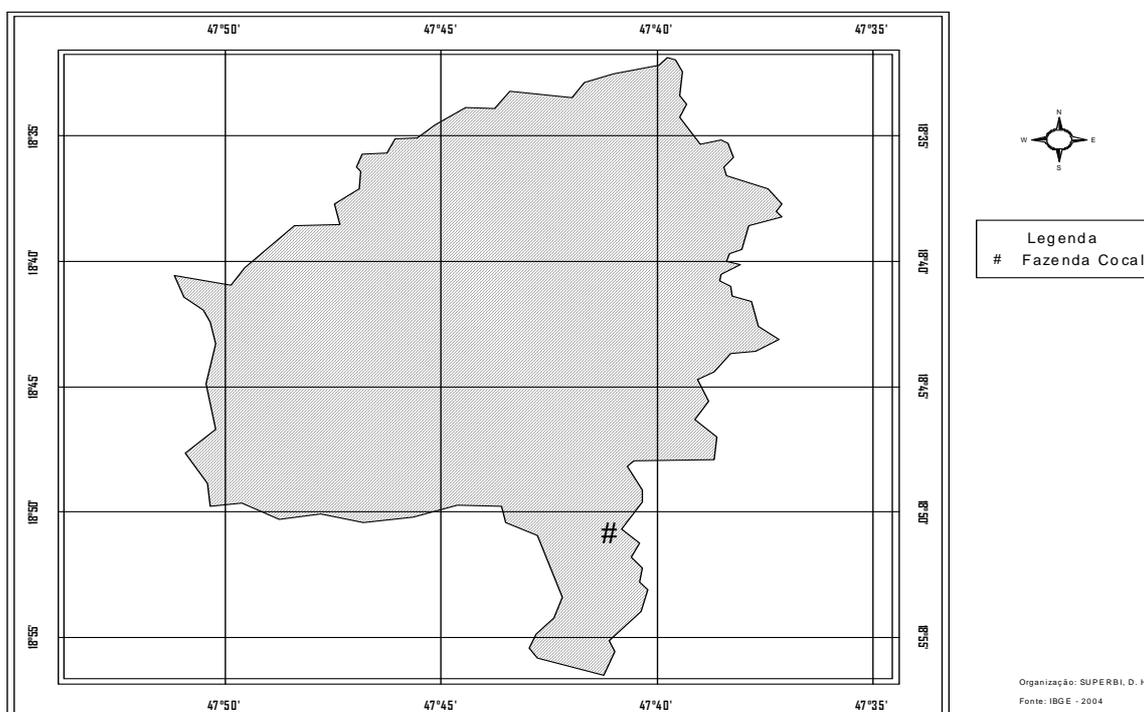


Figura 1 - Localização da Fazenda Cocal, Estrela do Sul (MG)
Fonte: IBGE, 2004, Org: SUPERBI, D.H.A.

Portanto, sagrado e profano, na fazenda Cocal, fazem parte do mesmo processo, embora sejam momentos bem distintos, e para que o sagrado se manifeste é preciso que o profano abra espaço, pois os dois são momentos opostos.

Para Durkheim (1989), a religião pertence a uma classe mais ampla, a do sagrado, sendo que tudo, o real e o ideal, pertence a uma de duas classes opostas, o profano e o sagrado. O sagrado se identifica claramente pelo fato de que está protegido e isolado por interdições; profanas são as coisas sobre as quais as interdições se aplicam.

Para Marett, as crenças religiosas são as representações que expressam a natureza das coisas sagradas e os ritos são as regras de conduta que prescrevem como um homem deve se comportar na presença dos objetos sagrados. O rito na fazenda Cocal, permanece como manifestação de fé e devoção e a Festa de Reis determina um comportamento que há muitos anos vem ocorrendo na família do Sr. João Amâncio e na comunidade local.

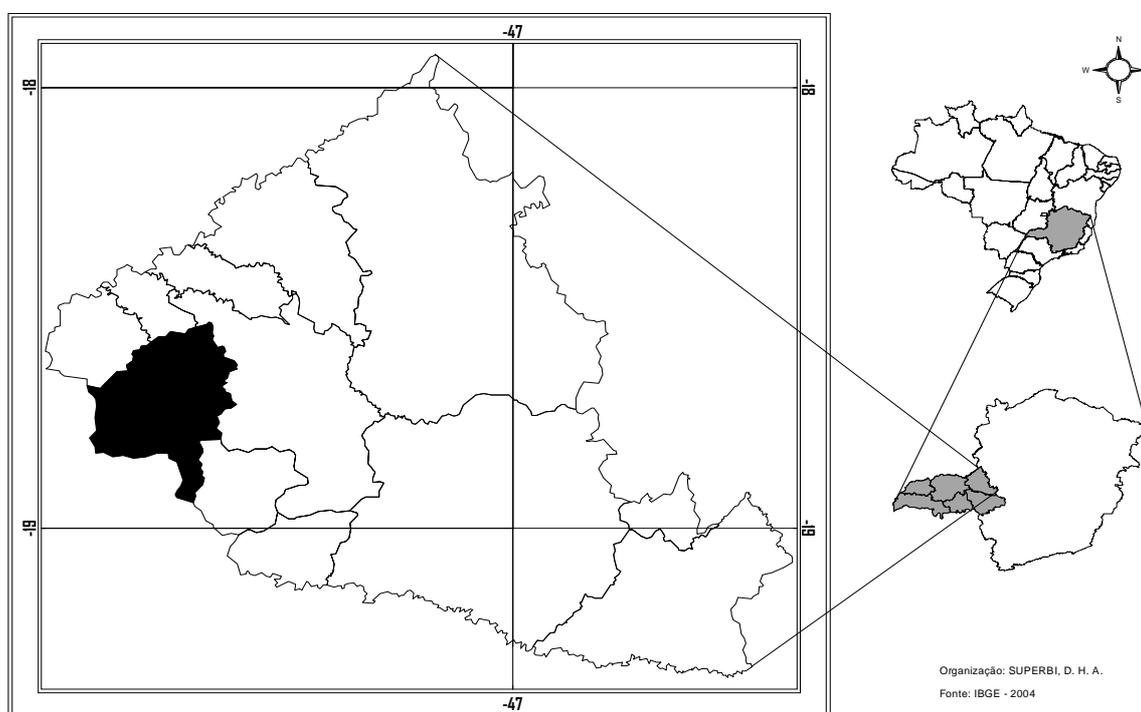


Figura 2 - Localização do município de Estrela do Sul (MG) - Microregião de Patrocínio

Durkheim (1989), afirma ainda que a religião é sempre um assunto coletivo, de grupo: não há religião sem igreja. “A religião é um sistema unificado de crenças e práticas que congregam numa comunidade moral única chamada igreja todos os que a ela aderem”.

A Festa de Reis da fazenda Cocal é uma manifestação coletiva que reúne parentes e amigos, formando em torno dela uma comunidade que expressa, por meio dela, toda sua religiosidade, mesmo não tendo igreja em Mutum.

Para nós, simples observadores, a idéia de sagrado e profano não deve afastar a possibilidade de que ambos podem ser dois mundos diferentes, mas nos quais se pode dar a passagem de um para o outro, o que já tinha sido observado por Durkheim. Segundo ele, o que é sagrado pode sê-lo apenas em certos contextos e em certas ocasiões, e não em outras. Muitas vezes, determinados locais podem ser utilizados como santuário durante um ritual, porém, quando não estão em uso ritual, podem ser utilizados de outra forma, até mesmo de maneira profana. No caso da festa da fazenda Cocal, na região de Mutum, o barracão (Figura 3) que é utilizado para

realização do ritual da festa é um exemplo claro disso, pois é utilizado o ano todo de maneira profana, para guardar outras coisas que são a explicitação do modelo capitalista, como máquinas, produtos agrícolas, tratores, carros, etc.



Figura 3 - Atividades Econômicas: representação do profano na Fazenda Cocal
Autor: Admilson José dos Santos. Janeiro 2004

E ainda segundo Durkheim (1989), do mesmo modo, a demarcação do sagrado por interdições deve ser verdade para muitos povos, mas não pode ser universalmente válida.

Segundo Gomes e Pereira(1994), existem novas formas de emergências do sagrado. Os novos paradigmas da modernidade se definiram pela utilização da ciência como princípio explicador de todas as coisas, pelo triunfo dessa razão científica sobre a fé. Porém, na pós-modernidade há uma busca de outra razão, de um novo sentido pela História, tornada vazia: a ordem estabelecida é questionada e a perda de sentido é uma ameaça contra a qual se insurgem as novas propostas do homem. Dir-se-ia que a razão exaurida se encolhe, dando lugar às novas formas emergências do sagrado.

Na fazenda Cocal, o sagrado emerge com a possibilidade da festa, que passa por todo um processo de elaboração. Sua organização é pensada a partir da fé e da devoção em Santos Reis.

Gomes e Pereira (1994), falam como se dá a manifestação da Folia de Reis com suas representações e o significado do processo ritual:

“A Folia de Reis é a representação do evento mítico da peregrinação e chegada dos magos ao presépio de Belém. No processo ritual há suspensão do tempo e do espaço da realidade, para a instalação momentânea de novas dimensões temporais e espaciais; o mesmo ocorre no jogo, onde o mundo habitual também desaparece. Habitamo-nos a ver uma oposição entre o sagrado e o divertimento, pela seriedade atribuída ao plano espiritual ou mesmo por uma visão dicotômica entre sacralidade e divertimento. A cultura popular, no entanto, - assim como ritos das populações ditas primitivas - integra alegria e sacralidade: por esse motivo se canta e se dança” (GOMES & PEREIRA, 1994:106).

A observação de Gomes e Pereira sobre divertimento e sacralidade não se aplica atualmente à festa da fazenda Cocal, pois ,como veremos ao longo deste trabalho, a queima de fogos de

artifício e o baile não são mais realizados

Johan Huizinga (1980), em sua obra clássica "Homo ludens: o jogo como elemento da cultura", mostra que o caráter representativo ritual e da atividade lúdica une sacralidade e divertimento:

"O homem primitivo procura, através do mito, dar conta dos fenômenos atribuindo a estes um fundamento divino. Em todas as caprichosas invenções da mitologia, há um espírito fantasista que joga no extremo limite entre a brincadeira e a seriedade. Se finalmente observamos o fenômeno do culto verificaremos que as sociedades primitivas celebram seus ritos sagrados, seus sacrifícios, consagrações e mistérios destinados a assegurarem a tranqüilidade do mundo, dentro de um espírito de puro jogo, tomando-se aqui o verdadeiro sentido da palavra" (HUIZINGA, 1980:7-8).

O divertimento é uma característica marcante nas Festa de Reis, através dos fogos de artifício, das brincadeiras das crianças e do baile, as pessoas demonstram sua satisfação tanto ao realizar quanto em participar da festa.

Para Durkheim (1989), o mundo pode ser dividido em dois domínios, um compreendendo tudo o que é sagrado, outro tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhe são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas. Mas, por coisas sagradas não se devem entender simplesmente esses seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, uma árvore, uma ponte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada. Um rito pode ter esse caráter; sequer existe rito que não o tenha em algum grau. O círculo dos objetos sagrados não pode, pois, ser determinado de uma vez por todas; sua extensão é infinitamente variável, conforme as religiões. Eis como o budismo é uma religião: na falta de deuses admite a existência de coisas sagradas, a saber, das quatro verdades santas e das práticas que derivam delas.

Na fazenda Cocal tudo parece se tornar realmente sagrado durante a Festa de Reis. Todo o ritual da festa se reveste de uma aparência que é sagrada e a religiosidade toma conta das pessoas, que rezam e cantam com muita fé e devoção. O profano só aparece quando o ritual religioso se vai e as relações ali estabelecidas voltam ao seu comportamento normal; tudo que era sagrado é representado e o ritual passa a ser de certa forma todo profano.

Fazenda Cocal: as manifestações do sagrado e do profano

Na Festa de Reis da fazenda Cocal, foi a crença em Santos Reis que fez a festa permanecer enquanto prática religiosa, sendo que até hoje se faz promessa a Santos Reis na esperança de alcançar a graça desejada. É a partir da devoção e da fé que a festa resiste, e hoje ela é também uma tradição que ainda mantém a essência do sagrado através do ritual de fé e de religiosidade que são vividos com a festa.

O sagrado e o profano são dois mundos não apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro. Já que só se pode pertencer plenamente a um com a condição de se ter inteiramente saído do outro, o homem é incentivado a se retirar totalmente do profano para levar vida exclusivamente religiosa. Pois a única maneira de escapar totalmente à vida profana é fugir totalmente dela, de uma vez por todas.

Segundo Durkheim (1989), não há em tudo algo que seja realmente característico do sagrado. Não basta que uma coisa seja subordinada a outra para que a segunda seja sagrada em relação à primeira. Os escravos dependem de seus patrões, os súditos de seu rei, os soldados dos seus chefes, as classes inferiores das classes dirigentes, o avaro do seu ouro, o ambicioso do poder e de quem o tem nas mãos; ora, se às vezes se diz que um homem tem a religião dos seres ou das coisas, às quais reconhece valor eminente e uma espécie de superioridade em relação a ele, é claro que, em todos esses casos, a palavra é tomada em sentido metafórico e que não existe nada nessas relações que seja propriamente religioso.

Por outro lado, não se deve perder de vista que há coisas sagradas de todo grau, e que existem algumas em relação às quais os homens se sentem relativamente à vontade. Um amuleto tem caráter sagrado, e no entanto o respeito que inspira não tem nada de excepcional. Também diante dos deuses, o homem não está sempre em estado tão evidente de

inferioridade; pois pode acontecer, muitas vezes, que exerça sobre eles verdadeira coerção física para obter deles aquilo que deseja. Bate-se no fetiche com o qual não se está contente, a não ser que se reconcilie com ele caso se mostre mais dócil aos votos de seu adorador. Para Durkheim (1989), se é verdade que o homem depende dos seus deuses, a dependência é recíproca. Os deuses, também, têm necessidade do homem; sem as oferendas e os sacrifícios, eles morreriam.

Uma vez que a noção do sagrado é, no pensamento dos homens, sempre e por toda parte separada da noção do profano, porque concebemos entre elas uma espécie de vazio lógico, ao espírito repugna de forma irresistível o fato de as coisas correspondentes serem confundidas ou simplesmente postas em contato; pois a promiscuidade ou até a contigüidade muito direta contradizem violentamente o estado de dissociação em que se encontram essas idéias nas consciências. A coisa sagrada é, por excelência, aquela que o profano não deve, não pode impunemente tocar. Certamente, essa interdição não poderia desenvolver-se a ponto de tornar impossível toda comunicação entre os dois mundos; porque se o profano não pudesse de nenhuma forma entrar em relação com o sagrado este não serviria para nada. Mas, além desse relacionamento ser sempre, por si mesmo, operação delicada que exige precauções e iniciação mais ou menos complicada, ela sequer é possível sem que ele próprio se torne sagrado em alguma medida e em algum grau. Os dois gêneros não podem se aproximar e conservar ao mesmo tempo sua natureza própria (Durkheim, 1989).

Para Durkheim (1989), as coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras.

“Cada grupo homogêneo de coisas sagradas ou mesmo cada coisa sagrada de alguma importância constitui um centro de organização à volta do qual gravita um grupo de crenças e ritos, um culto particular, e não existe religião por mais unitária que possa ser que não reconheça pluralidade de coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989:73).

Na fazenda Cocal, o sagrado só pode ser claramente percebido no momento da Festa de Reis, sem a festa, a fazenda acaba sendo destituída da sacralidade que a acompanha, e as relações ali estabelecidas passam a ser realmente marcadas pelos aspectos da modernidade que pressupõem sobretudo a relação com as “práticas profanas”, que são características das relações econômicas e sociais da atualidade.

Para Mircéa Eliade (1992), o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, mostra-se como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica.

Na fazenda Cocal, temos como exemplo do sagrado a própria varanda onde se constrói o presépio; fora da festa, ela é cenário de outras relações, que ao nosso ver estão distantes de alcançar a sacralidade. O homem das sociedades arcaicas tem tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. (Mircéa, 1992).

O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não – sagrados e, por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mas ainda: para o homem religioso essa não -

homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado - o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Há, na fazenda Cocal, um espaço das práticas sagradas que nos permite percebê-lo de maneira muito clara, quando começa a preparação da Festa de Reis, pois já nesse período começam os momentos de rezas, cantos e reflexões que envolvem a família e os parentes. Estes estabelecem uma rotina religiosa que toma conta da fazenda. A partir de então, as práticas profanas vão sendo destituídas de seu significado para assumir uma aura sagrada. Para os crentes religiosos, na fazenda Cocal, quando ocorre a manifestação do sagrado, este assume características que podem ser vivenciadas por aqueles que têm experiência religiosa e que, no caso de Mutum, concretizam tal experiência com a realização da Festa de Reis.

Pode-se afirmar que o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso, porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia - e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo. É por essa razão que o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Em contrapartida para a experiência profana, o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa. Evidentemente é preciso não confundir o conceito de espaço geométrico homogêneo e neutro com a experiência do espaço “profano”, que se opõe à experiência do espaço sagrado. É preciso acrescentar que uma tal existência profana jamais se encontra no estado puro. Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso. E, contudo, nessa experiência do espaço profano ainda intervêm valores que de algum modo lembram a não homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço. Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal, ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não – religioso, uma quantidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não – religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana (Mircéa, 1992).

A revelação do espaço sagrado é motivo de alegria para as pessoas religiosas da Região de Mutum, uma vez que essa revelação representa também a possibilidade do retorno para aqueles que estão longe, e também a oportunidade para os reencontros. A festa representa portanto, a possibilidade de união da família.

Tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo. Há por um lado, os intervalos de tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado, há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o tempo sagrado. Ora, o que se pode constatar relativamente a um homem não – religioso é que também ele conhece uma certa descontinuidade e heterogeneidade do tempo. Também para ele existe o tempo predominantemente monótono do trabalho e o tempo do lazer e dos espetáculos; numa palavra o “tempo festivo”. (Eliade, 1992).

De acordo com o pensamento de Geertz podemos entender a festa da fazenda Cocal como um modelo próprio, criado pela comunidade local, que em grande parte teve que se deslocar para áreas urbanas diversificadas, o que provocou a ruptura de laços familiares e de amizade. Nesse contexto, criou um modelo de resistência próprio, que é específico da Festa de Reis da fazenda Cocal, que se tornou capaz de preservar e manter esse modelo de resistência cultural e religiosa que se dá através da festa, a qual promove reencontros, reúne e resgata vivências do passado, o que só é possível com a experiência da festa, onde o sagrado e o profano têm seus espaços garantidos.

Atualmente a população é formada principalmente por migrantes vindos de outras regiões como nordeste e sul, os quais vivem em sua maioria da agricultura tradicional. Nesse sentido, a função econômica, hoje, já não interfere como reforço para a função religiosa, uma vez que o local está transformado por atividades econômicas modernas integradas à cidade e por sua vez ao comércio e à indústria.

A comunidade local representa um agrupamento de pessoas bastante diversificado e heterogêneo; é um modelo cultural bastante específico. A antropologia cognitiva se baseia na valorização da capacidade gerativa da cultura e do saber compartilhado pelos grupos usuários de um modelo cultural. Para Quinn e Holland, cultura é o que as pessoas devem saber para agir como agem, fazer as coisas como fazem e interpretar sua existência da maneira característica como a interpretam. Além desse saber compartilhado, a cultura possui um dinamismo intrínseco, com o qual seus portadores são capazes de transferi-la para a compreensão de novas experiências; por isso toda cultura se torna distinta das outras e há um acréscimo constante de informações.

A FESTA DE SANTOS REIS NA FAZENDA COCAL: A COMEMORAÇÃO

Durante a Festa de Santos Reis da fazenda Cocal, toda a cerimônia religiosa, que se dá por intermédio dos versos cantados pela folia e das orações celebradas pelos fiéis, valorizam a fé e criam expectativas em torno da festa, fazendo com que ela mantenha seus valores e, mesmo se renovando, permaneça como uma crença e uma tradição familiar. Durante anos devido a solidariedade da comunidade e da familiar do Sr. João Amâncio a festa consegue ser realizada e se mantém a união e a religiosidade da família.

Um dos motivos pelos quais o Sr. João Amâncio diz ter assumido a festa em sua fazenda foi porque ela era realizada pelos seus pais, em função de seu pai ter feito uma promessa. O Sr. João Amâncio¹ comenta :

“O fato dessa festa estar na minha família há tanto tempo é uma honra para mim, porque representa a fé e a devoção da família em Santos Reis. Eu também já fiz promessa para Santos Reis e fui servido, isso fez aumentar ainda mais a minha fé”.

“A semana de preparação da festa é para a família como se fosse uma semana de feriado, ou então, dias santos, onde todos se envolvem realmente com o ritual de preparação que se repete todos os anos, preparar a casa, a comida, os doces, a ornamentação, o altar, os arcos de bambu, enfim tudo que envolve a festa. São momentos considerados sagrados pela família”.

Segundo o Sr. João Amâncio, “antigamente moravam, só em sua fazenda, umas trinta ou quarenta famílias; algumas tinham seu pedacinho de terra ao redor da fazenda. A relação com as pessoas que moravam na fazenda era diferente – existia mais companheirismo, mais amizade, tudo era mais tranquilo. Neste processo, a festa também foi mudando com o tempo: antes a vida das pessoas era muito diferente. Na fazenda Cocal, os moradores tinham o costume de conversar com os vizinhos porque tinham tempo para isso. De acordo o senhor João Amâncio, pode-se perceber que a festa foi mudando: “ela começou por devoção, mas foi virando uma tradição muito forte na família e o tempo foi passando e a festa foi melhorando e antigamente as despesas da festa era paga por mim sozinho, a gente tinha que ficar pedindo as coisas emprestadas, como vasilhas por exemplo, hoje a gente tem tudo que é preciso para fazer a festa, não precisamos pedir nada emprestado. A festa foi ficando famosa na região, todo mundo queria participar, por isso hoje muita gente vem na nossa festa”.

Na Folia de Reis da fazenda de do senhor Amâncio não são realizados o baile nem se solta mais foguetes ao final da festa desde a morte do seu filho.

A chegada da folia se dá a partir das seis horas da tarde (dezoito horas). A bandeira é entregue pelo alferes aos festeiros no primeiro arco, passando logo em seguida debaixo dos dois próximos até chegar ao altar. A seguir o capitão da folia pede para colocá-la em cima do altar; quem fez promessa pede para segurar a bandeira; nesse momento a folia canta e a bandeira retorna ao altar; reza-se um terço e em seguida é passada a coroa para os festeiros novos, sendo então cantada a despedida. Uma vez terminada a despedida (cf. Figura 7), começa-se a servir a comida, um jantar feito com muito capricho; terminado o jantar, é servida logo em seguida uma sobremesa com diversos tipos de doces, encerrando assim a festa, uma vez que não se realiza mais o baile. A partir daí, as pessoas retornam para suas casas, segundo o Sr. João Amâncio, com a esperança de voltarem no próximo ano.

¹ Entrevista realizada em 21/08/04. O entrevistado é proprietário da Fazenda Cocal e tem 72 anos



Figura 4 - A Folia de Reis no Ritual da entrega da coroa, Fazenda Cocal

Autor: Admilson José dos Santos. Jan/2004



Figura 5 - Sacralidade da Festa de Reis da Fazenda Cocal com a participação das crianças rezando o terço

Autor: Admilson José dos Santos. Jan/2004



Figura 6 - A coroação dos festeiros novos na Festa da Fazenda Cocal

Autor: Admilson José dos Santos. Jan/2004



Figura 7 - A família se despedindo dos visitantes no barracão da festa

Autor: Admilson José dos Santos. Jan/2004

A Festa de Santos Reis da fazenda Cocal é o momento de alegria, de fortalecer os laços familiares e renovar o desejo de que a festa continue.

Antigamente essa festa era baseada na fé e nas promessas da coletividade e também na necessidade de agradecer até mesmo o sucesso e os empreendimentos da família. Os lucros e a boa safra, vistos no imaginário, não representavam apenas a ação coletiva dos homens no trabalho, mas também a ajuda de Santos Reis, marcando assim o seu caráter de ligação profunda com o mundo sagrado através das práticas que, para a coletividade, eram também consideradas sagradas. Mas o caráter da festa mudou com o tempo, hoje em dia sua realização parece não ser demarcada somente pela coesão da comunidade ou coletividade local, pois é a família do Sr. João Amâncio que tem de concentrar todos os seus esforços, correspondidos particularmente pela própria família, para que a festa aconteça.

Portanto, o sagrado na fazenda Cocal se renova mas também se afirma no ritual da Festa de Reis, que marca o seu território com a realização da festa, renovando anualmente o sentimento de fé, de devoção e de união da família. Mas o profano também se ocupa desses espaços, assim que a festa vai embora, pois quando ela termina, o barracão onde é realizada passa a ser espaço de atividades econômicas capitalistas, que hoje são desenvolvidas dentro da fazenda, para a reprodução econômica da família. O curral, que serve de espaço para as pessoas ficarem e assistirem à festa, passa a ser ocupado pelas vacas, que vão fornecer o leite e também a carne, transformando-se em mercadorias a serem vendidas pelo preço do mercado, muitas vezes para grandes empresas. As regras que dominam esses espaços são regras do mundo moderno, globalizado, transformado pelas relações ali estabelecidas. Esses espaços se tornam, a partir de então, realmente espaços profanos, com a exploração econômica com fins lucrativos. Os empreendimentos ali desenvolvidos se tornam empreendimentos de sucesso.

A festa da fazenda Cocal depende dos vínculos anteriores, sagrados; depende da volta dos que moram fora, que sempre retornam no momento dela, dando força e sentido para sua continuidade. Um dos fatores que ultimamente têm tirado as pessoas da área rural dessa região é a educação dos filhos e de certa forma sua preparação para o mundo do trabalho. Na família do Sr. João Amâncio, alguns dos filhos e praticamente todos os netos moram na cidade, pois a família incentiva os filhos a estudar.

Portanto, a festa da fazenda Cocal acaba sendo um centro aglutinador da fé da família do Sr. João Amâncio, estabelecendo o reencontro e a convivência harmoniosa, gerando a confiança recíproca, estabelecendo o espaço do sagrado. A festa é o momento onde aqueles que estão fora desejam voltar, querem restabelecer os laços do passado, reviver momentos que estão guardados em sua memória, promover o reencontro com as pessoas queridas. Gomes e Pereira falam sobre a vida e o pensamento do homem moderno, colocando-os da seguinte maneira:

“O homem moderno, no entanto, em nome da liberdade e do direito, desvinculou-se da família e das instituições onde pudesse ter uma submissão definida em relação à hierarquia: os homens iguais se pretendem autônomos. São indivíduos, isto é funcionam como unidades mínimas não divisíveis: são o menor elemento do sistema social. A própria dessacralização do universo iniciada pelo subjetivismo de Descartes e concretizada na morte de Deus, anunciada por Nietzsche - é uma tentativa de eliminação de hierarquia (GOMES E PEREIRA, 1994:54).

De acordo com o pensamento de Gomes e Pereira, a realidade vivida com o processo de globalização, além de causar uma dessacralização dos valores que compõem o universo das pessoas de um determinado local, provoca também uma espécie de niilismo religioso, uma vez que na sociedade moderna parece haver mesmo um processo de secularização crescente. Na falta de crença religiosa, que também é crescente, essas características se tornam marcas de uma sociedade onde o individualismo é um fenômeno que cresce a cada dia e determina o estilo de vida do homem moderno, em que a presença de Deus parece ser cada dia menos importante, o que Nietzsche define com o seguinte pensamento:

“Quando, porém Zaratrusta se viu só, falou assim ao seu coração: será possível que este santo ancião ainda não ouvisse no seu bosque que Deus já morreu?” (NIETZSCHE).

A existência de um mundo destituído da presença divina já foi pensado por alguns, e é nesse contexto que devemos entender a morte de Deus anunciada pelo pensamento de Nietzsche. Entretanto, a região de Mutum, como espaço da modernidade, ainda conserva a idéia da fé comum como sustentáculo de sua existência

O aspecto econômico, por exemplo, está relacionado com as despesas da festa, que são sanadas através de rateio feito pela própria família, onde cada parente contribui da forma que pode na divisão dos gastos.

No que diz respeito à identidade familiar e do grupo que realiza a festa, a Folia de Reis faz com que a festa na comunidade da fazenda Cocal e região afirme-se, renove-se e permaneça como ponto de união entre os parentes, amigos e vizinhos, que se tornam fortalecidos na manifestação do sagrado. A festa constrói na comunidade da região um núcleo de força e poder. Pierre Sanchis (1983:318), analisa com propriedade a importância dos indivíduos numa festividade:

A festa é, sem dúvida, para muitas aldeias pequenas ou comunidades rurais a única ocasião em que a comunidade experimenta um autodomínio, um voltar a si própria para se articular livremente e assumir o seu ser e comportamento coletivos: decisões a todos os níveis, administração financeira, responsabilidades, criação, manutenção e projeção de uma imagem do eu coletivo, afirmação de valores próprios, etc. dependem exclusivamente desta vez (a única) de uma articulação de papéis sociais endógena à comunidade.

Essa análise de Sanchis (1983), confirma a idéia de que a festa é ainda hoje muito importante nas pequenas comunidades, e a festa da fazenda Cocal é um exemplo claro disto. Embora grande parte das pessoas que participam dessa festa viva hoje em áreas urbanas, isto mostra que a tradição ainda tem importante significado.

As representações religiosas se afirmam na festa, que passa a representar também a unidade, onde anualmente, nesse mesmo período, os compromissos de fé e esperança são renovados.

A hora da comida é o momento de alegria, momento de se preparar também para a diversão, pois a dança aos poucos tomava conta da festa e ia criando uma série de relações profanas que ali se transformavam em relações claramente de interesses diversos, menos de ocupação com aquilo que é sagrado. Nesse aspecto, o baile passa a representar o espaço do profano, uma vez que nele se procura até mesmo as relações amorosas.

A fazenda Cocal se transforma, durante a realização da Festa de Reis em um espaço sacralizado, uma vez que ali tudo acontece de maneira direcionada para as práticas sagradas como as rezas, os cantos e as manifestações de fé dos presentes; é o lócus do ritual que caracteriza a instituição de um mundo sagrado, que transforma o lugar comum em um lugar sagrado, faz circular o sagrado pelo espaço comum da vida cotidiana. Entre a reza e o canto (cf. Figura 8), a Folia de Reis da fazenda Cocal parece conspirar contra as práticas profanas. Quando termina a festa. Volta-se ao profano dividindo-se o dia entre as horas de trabalho e de descanso e a possibilidade noturna do divertimento e do lazer, de assistir televisão, etc., podendo fazer parte até mesmo a bebida. Não que todos os dias sejam assim, mas é o retorno à vida normal, diária, que provoca essa sensação.

A peregrinação da Folia de Reis devido ao estilo de vida que os foliões levam atualmente, ela sofreu algumas alterações importantes. A grande maioria dos foliões mora na cidade, dessa forma, eles possuem compromissos profissionais e sociais que os impedem de dedicar um tempo maior pois, antigamente durava nove dias, e atualmente apenas três ou quatro dias. Também a sua trajetória foi modificada.

A chegada da energia elétrica foi outra modificação interessante que ocorreu na fazenda Cocal, uma vez que ela determinou o abandono de algumas práticas que eram utilizadas anteriormente, como por exemplo o lampião, a lamparina, etc. Por outro lado promoveu a integração de novos elementos que foram sendo incorporados pela população que ainda vive naquela região. Interrompeu hábitos tradicionais e mudou alguns costumes, já que a fazenda possui televisão e outros aparelhos, como o chuveiro elétrico, que determinam um estilo de vida moderno.

No dia da festa (cf. Figura 9) no período da tarde, é oferecido um café, que é chamado de café moderno, no qual, além dos alimentos tradicionais como biscoito, bolo, pão-de-queijo, etc, outros alimentos foram sendo incorporados por causa das crianças, como sorvete, picolé, pipoca, etc.

Pois bem, como espaço do sagrado, esse barracão é enfeitado com bandeirinhas feitas de papel, balões, folhas de babaçu, que cobrem a cerca do curral; as paredes são enfeitadas e cobertas por folhas e forros; as mesas são devidamente forradas e sobre elas são colocadas panelas cheias de comida com talheres, copos descartáveis, latas cheias de quitandas e doces. Enfim, a hora da comida se torna, realmente, um verdadeiro ritual, que compõe a festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe na fazenda Cocal um interesse muito grande da família do Sr. João Amâncio em continuar com a tradição da Folia de Reis, haja vista que os pais, a exemplo do Sr. Gilmar, e também os próprios avós, fazem todo o esforço para passar para os seus descendentes esse costume, incentivando-os a participar da festa. Mesmo morando na cidade, são sempre chamados a participar; alguns já estão se tornando líderes. Dessa maneira é possível que futuramente se sintam responsáveis por essa tarefa; a nova geração vai sendo envolvida pela ligação familiar, participando dos rituais. Conseqüentemente a folia, que tem objetivos religiosos, assume até mesmo papéis sociais e de união da família e dos amigos, enfim, do agrupamento que realiza a festa. Esses papéis que têm função religiosa (sagrada), definem-se também pelo seu caráter profano em determinados momentos.

Nesse sentido, a festa pode significar também o fato de que a família tem historicamente uma ligação muito forte com o sagrado. Portanto, o sagrado se estabelece de forma clara na festa da fazenda Cocal e promove a manifestação da família que se mobiliza inteiramente, fazendo todos os esforços necessários para realizá-la e para mantê-la na família. A festa de Santos Reis da fazenda Cocal, na região de Mutum, mostra-nos que ainda hoje são possíveis manifestações culturais que são muitas vezes confundidas como folclore, já que são cada vez mais raras. Mostra-nos ainda que, mesmo diante da modernidade, são possíveis processos de resistências que se dão através de manifestações religiosas e culturais populares.



Figura 8 - Apresentação da Folia no momento da festa cantando versos como “os três reis saíram andando assim meio sem destino/saíram andando para visitar Jesus menino”

Autor: Admilson José dos Santos Jan/2004



Figura 9 Barracão enfeitado com bandeirinhas: onde se serve a comida durante a festa
Autor: Admilson José dos Santos Janeiro 2004

Essa festa mostra também como a fé e a devoção são fatores ainda determinantes para manter uma manifestação que é, ao mesmo tempo, a exteriorização da devoção, e uma tradição familiar, que se tornou ao longo do tempo um elo de ligação entre parentes e amigos que resistem e demonstram que essa tradição não pode acabar.

Assim, podemos afirmar seguramente que é necessário repensar a questão da dominação cultural que funciona atualmente como modelo da modernidade, pois as resistências existem e conseguem permanecer, mesmo diante de todas as transformações impostas pelos modelos.

Em Mutum, os valores culturais, mesmo transformados, são cultivados através da realização da Festa de Santos Reis, que se mantém como tradição de uma família que, há mais de trinta anos, vem praticando esse costume. Na comunidade, foi possível observar, também, como a festa é uma manifestação que está sempre presente no imaginário do brasileiro. Apesar do profano estar presente em vários momentos da comunidades é impossível não vivenciá-lo. Portanto sagrado e profano mesmo em planos opostos fazem parte do dia-a-dia da festa em Mutum.

Certamente este trabalho não tem a pretensão de concluir qualquer questão em relação à Festa de Santos Reis e nem tampouco de apresentar alternativas para a problemática da cultura no Brasil. Entretanto, consideramos que esta é uma questão a ser pensada e discutida pela sociedade brasileira, inclusive nos meios acadêmicos, e que esta deve ser também uma reflexão do geógrafo.

Nesse sentido, este trabalho procurou, na sua simplicidade, dar a sua contribuição para uma reflexão acerca de um tema que ainda é bastante significativo para a sociedade brasileira, uma vez que a festa é uma tradição que ultrapassa os limites da região do Triângulo Mineiro, e vai muito além de Mutum.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea, "**O Sagrado E O Profano**": A Essência das Religiões. Martins Fontes, 1992..

GINSBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas E Sinais: Mortologia e História**. Cia das Letras, 1989.

GOMES, Núbia e PEREIRA, Edmilson de Magalhães e de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: Os Arturos**. Juís de Fora: Ministério da Cultura/EDUFJF, 1989.

_____. **Do Presépio À Balança: Representações da Vida Religiosa**. A.A. Mazza Edições, 1995.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares, In: **REVISTA PROJETO HISTÓRIA**". São Paulo: PUC, nº 10, 1993.